

É o antigo senhor daquelas matas,
do serpente de rios encantados!
O olhar conhece as dimensões exatas
das planícies, das serras, dos banhados...

Para as necessidades imediatas,
dá-lhe a floresta os frutos desejados
e para a caça, desde priscas datas,
a trilha é a mesma dos antepassados.

... O branco invade o seu país de sonhos
e, pouco a pouco, dele o toma... Agora,
há nos seus olhos infantis, tristonhos,

um clamor impotente contra a sorte.
Mas... por ser índio – e o índio nunca chora!
canta o mundo perdido e... espera a morte...

Réquiem para o índio, Adélia Victória

Não há na vida de uma criatura
amor maior, mais belo e mais profundo
que o amor de mãe. É dessa fonte pura
que nasce a vida que renova o mundo.

Não há destino mais do céu oriundo
que o de ser mãe, nem há maior ventura
do que a de ter no coração, bem fundo,
aquele amor que as dores todas cura.

Nota-se o amor materno até na fera:
sem ter da mãe humana o mesmo brilho,
ela aos filhotes esse amor traduz.

Por isso tudo, eu acredito que era
o amor da mãe de Judas por seu filho
igual ao de Maria por Jesus.

Mãe, Ziver Ritta

Lindas flores de maio em profusão nas praças
e nos lindos jardins grinaldas coloridas
nos moldes da beleza há variações de graças
em cravos de rubi, em rosas, margaridas!

Lindas flores de maio! Inspiração de valsas,
de poemas e canções, de lágrimas perdidas.
Aos sonhos bons de amor as flores não são falsas,
se alegram na chegada, alegram despedidas.

Lindas flores de maio, o meu olhar não cansa
de vê-las refletir no verde da folhagem
sabendo não durar projetos de esperança.

Lindas flores de maio! O que pensar após?
Tão rica floração num sonho de miragem.
Será o mais lindo amor, flores de maio, em nós?

Flores de maio, Noemise Machado França Carvalho

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVI, Nº 05 – 2012 MAIO

Assinatura até 31.12.12: 07 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haicu.sf.nom.br

Vagaba Psiquis divina
a caza de mariposas,
quando em eso, entre unas rosas,
vuelca y se clava una espina.
Por quitarla, Amor afina
su ciencia y en vano suda...
Desde ese percance duda | y siempre que brinda un beso
la Diosa del embeleso, | se abre la herida aguda...

Julio Herrera y Reissig, Historia de los celos..., Poesía Completa
y Prosas, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

Para o mundo ser melhor,
não haver gente ruim,
a receita sei de cor:
muito Abel, nenhum Caim.

A. Lacerda Jr., 1203 A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP

Antes do verbo era o nada,
o caos do não-existir...
mas, Deus, de forma ordenada,
fez cada coisa surgir.

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao
lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel,
com nome, endereço e assinatura. Despachá-la
normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome,
endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do
respetivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devida-
mente numerada, a relação dos haicus desse
mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e
sem a devida correção em tempo hábil), afim de
selecionar 10% deles.

Deixe de conversa mole
e procure o que fazer
o tolo é quem engole
este seu modo de ser.

Francisco Luís, 1202
Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br

Buscando a felicidade
por este mundo sem fim...
descobri uma verdade:
ela está dentro de mim!

Francisco Neves de Machado 14.01.48-18.03.12, Suplemento Especial do Almanaque O Voo da Galha Azul 1203 – voodagralhaazul@gmail.com

Da mulher dos sonhos meus,
dona dos meus ideais,
jamais quero ouvir adeus,
mas sempre até logo mais.

João Batista Serra, 1202
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/CE

Ciúme não é temor
e não há quem me convença
que seja prova de amor
ou que não seja doença.

Acorda, Brasil, desperta!
que o mar de lama te engole;
senão, ninguém mais conserta,
por mais que vire ou rebole!!!

Oefe Souza, 1202, Trinos
do Pitiguari: R. Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Eu digo e tenho certeza
cigarro só traz derrota
numa ponta tem a brasa
na outra ponta um idiota.

Ela tarda mas não falha;
enfrentá-la é meu fadário...
A noite é como navalha
na carne do solitário!

Selma Patti Spinelli, 1112
Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo/SP

João-de-barro, um engenheiro,
que jamais leu apostila.
Seu ninho é quase um mosteiro:
– poema feito de argila!

Volto à capela em que, um dia
me esperaste ao pé do altar...
E hoje a saudade, em magia,
me espera no teu lugar...

Wanda de Paula Moutché, 1104
Trovos e Poemas, CP 123192:
28230-000 – S.Fco.de Itabapoana/RJ

Na rapidez da informática
meu sonho dura um segundo,
numa proposta automática:
paz, ponto com, ponto mundo.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.05.12, enviar até 3 haicus de quigos: Corte de cana, Ingarana em flor, Noite gélida.
Até o dia 30.06.12, enviar até 3 haicus de quigos: Chorão, Semana da Pátria, Tico-tico.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 – São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

QUIDAIAS DE OUTONO – TEMAS DE OUTONO

No verde do arbusto,
numa folha o louva-a-deus,
e a formiga em outra.
Alba Christina

Sereno caindo.
E enregelado de frio,
mendigo na estrada.
Analice Feitorza de Lima

O milharal sumiu...
Os gafanhotos famintos
deixaram só talos.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Sem vento e sem nuvem,
de um lado a outro do céu
as estrelas piscam.
Diego Brito Sousa

Procela chegando,
relâmpagos no horizonte.
Pescador de volta.
Djalda Winter Santos

Puxando o anzol
uma grande surpresa:
belo robalo!...
Helvécio Durso

À beira da estrada
boninas em profusão
tingem a manhã.
Walma da Costa Barros

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Cai lento o sereno
estendendo um grande manto
sobre a mata e os lagos... K

Amália Marie Gerda

Na noite de lua,
o sereno vai caindo
refletindo estrelas. T

Amália Marie Gerda

Meninos no mato
armaram uma arapuca.

Raposa caiu. E

Angelica Villela Santos

Vai caindo a noite.
Com ela chega o sereno.
Guarda-chuvas se abrem. K
Angelica Villela Santos

Vem um cheiro forte
da cesta de mexericas.
Estão bem maduras. T

Angelica Villela Santos

Um doce perfume
de mexerica madura
perfumando a casa. E

Argemira F. Marcondes

Nem chega a molhar,
não é chuva, é sereno
que cai de mansinho. T

Argemira F. Marcondes

Desce o sereno
como poeira de chuva
refresca a noite. E
Denise Cataldi

Atrai os garotos
um pé de mexerica
– folhagem agitada! K

Denise Cataldi

Menino arma
arapuca no quintal
– rolinhas presas... K

Denise Cataldi

Menino da roça,
amigo dos passarinhos;
destrói arapucas. C

Djalda Winter Santos

Depois do jantar,
sobremesa: mexericas.
Todos apreciam. K
Djalda Winter Santos

Noite de inverno.
Sereno da madrugada
parece geada. T

Djalda Winter Santos

Grama no jardim
levemente umedecida.
Sereno da noite A

Flávio Ferreira da Silva

Voltou à gaiola
o passarinho fujão.
Caiu na arapuca K

Flávio Ferreira da Silva

No silêncio
da noite
sereno cai de mansinho. T
Iracema Gomes

Os bichos
espantados
fogem da arapuca. T

Iracema Gomes

Moço segue
para os sons do bar.
O sereno cai. E

Manoel F. Menendez

Meninos aguardam.
O pássaro, próximo
a arapuca. K

Manoel F. Menendez

Restos
da mexerica, sementes
sobre a casca. K
Manoel F. Menendez

Atrás dos arbustos,
menino escondido;
arapuca armada. K

Neuza Pommer

Sumo escorrendo
da boca da menina.
Mexerica. T

Neuza Pommer

Caminham na rua
dois vultos encolhidos.
Sereno. T

Neuza Pommer

Mulher faz careta
provando o primeiro gomo –
mexerica azeda. B
Renata Paccola

Garoto se assusta
ao encontrar arapuca
ao lado da árvore. T

Renata Paccola

Silêncio quebrado.
Juriti se debatendo
em uma arapuca. C

Roberto Resende Vilela

Noite de luar.
Um seresteiro. Um violão.
Sereno caindo. E

Roberto Resende Vilela

Jovem, desconfiado,
lava as mãos no chafariz.
Furtou mexerica. E
Roberto Resende Vilela

A F U T U R A S O G R A

Nelson Rodrigues, A vida como ela é... O homem fiel e outros contos, Seleção Ruy Castro, 6ª reimpressão, 1995: www.estantevirtual – Gentileza de Látia Lacerda Menendez

O velho era um alto funcionário do Tesouro.
Quando o filho apareceu dizendo que queria
casar, seu Daniel ergueu-se. Esfregando as
mãos, fez uma serie de considerações gerais,
inclusive esta:

– Faz bem, meu filho. – E acrescenta em tom
profundo: – É a lei da natureza, da qual não
podemos fugir.

E, súbito, faz a pergunta:
– Que tal a mãe da tua pequena?
Admirou-se:
– Por que, papai?
E o velho:

– Meu filho, – é o seguinte: eu aprendi que
uma boa mãe resulta numa boa filha. Digamos
que tua futura sogra seja uma esposa cem por
cento fabulosa. Tua pequena também o será.
Compreendeste? Batata, meu filho, batata.

Edgar atrapalha-se:
– Bem, papai. Que eu saiba, minha sogra é
uma senhora seríssima. Nunca vi, nem ouvi,
nada de mais, nem de menos.

Seu Daniel pós-lhe a mão no ombro:
– Se é assim, ótimo. Mas apura primeiro. E
não te esqueças: num casamento, o importante
não é a esposa, é a sogra. Uma esposa limita-se

a repetir as qualidades e os defeitos da própria
mãe.

O SOGRO

Edgar saiu dali sob um impressão profunda.
No ômbus lotado, segurando numa argola,
vinha pensando: “Ora veja! Que teoria! Que
mentalidade!”. Sempre ouvira do pai, a propósito
de tudo, e de qualquer assunto, as opiniões
mais inesperadas e extravagantes. O velho
passara na família por original ou, mais propri-
amente, por maluco. Ao descer do ômbus, ruma
à casa da namorada, quase noiva, resumiu:

“Papai é um número: uma bola”. Todavia, ao
apertar, pouco depois, a mão da futura sogra,
olhou-a com uma curiosidade nova. D. Merce-
des, de origem espanhola, era uma senhora de
quarenta anos, conservada, bem feita de corpo e
com um olhar de uma doçura muito viva.
Durante todo o tempo que permaneceu lá,
Edgar pergunta de si para si mesmo, numa
obsessão: “Será que ela traiu?”. Procurava com
os olhos o sogro, que ele achava, textualmente,
um “grande praça”. Chamava-se Wilson e era
um velho barrigudo e divertido, mas dum
grande saúde interior. Coincidia que, nessa

noite, surgisse na casa uma discussão sobre fidelidade masculina. Uma garota da vizinhança, muito petulante, afirmava: “O homem fiel nasceu morto! Não acredito em homem fiel!”. Então, seu Wilson gritou: “Protesto!”. Todos os olhos se fixaram nele. O velho ergueu-se, patético:

– Juro, ouviu? Juro pela alma do meu filho que morreu que nunca traí minha mulher, nunca!

Dizia isso com os olhos rasos d’água.

TEORIA

O filho a que seu Wilson se referia morreria tempos atrás, atropelado, com a idade de nove anos. Fora um golpe medonho para o velho. E, quando ele jurava pela criança morta, todos acreditavam piamente. No dia seguinte, Edgar passou na casa do pai para contar-lhe o episódio. Seu Daniel ouviu tudo, atentamente. Quando o filho acaba, ele rosna: “Espeto, espeto!”. Edgar toma um susto: “Ué!”. Então o velho explica:

– Digo espeto pelo seguinte: num casal, há fatalmente um infiel. Ou a mulher ou o marido. A existência de uma vítima é inevitável, percebeste?

O filho pôs as mãos na cabeça:

– Tem dó, papai, tem dó! Pelo amor de Deus! Então, o senhor está insinuando o quê? Que é preciso trair para não ser traído?

E o velho:

– Exatamente. Isso pode não ter lógica, mas infelizmente é a verdade. E se teu sogro é o fiel da casa, não ponho a mão no fogo pela tua sogra. Repara que os maiores canalhas são

amadíssimos.

Desta vez, o filho perdeu a paciência:

– Ora, papai, ora! Que espírito de porco o senhor tem! Isso é raciocínio que se apresente?

Seu Daniel suspirou:

– Se você não quer acreditar, paciência. Lavo as minhas mãos!

OS NOIVOS

Passou. Dias depois, seu Daniel, sob a pressão do filho, ia à casa de Eduardina fazer o pedido oficial. Ficaram noivos. Ao voltar, mais tarde, Edgar num entusiasmo delirante, pergunta ao pai:

– O senhor não acha que eu tive gosto, papai? A Eduardina não é uma pequena e tanto? Não é?

O velho coça a cabeça:

– Estou na dúvida, percebeste? Estou na dúvida. Pra te ser franco, não sei qual é melhor: se tua noiva, se tua sogra. Te juro que não sei! Páreo duríssimo entre as duas!

Surpreso e inquieto, Edgar quer saber: “Mas o senhor acha que há comparação?”. Seu Daniel esfrega as mãos, numa satisfação gratuita e profunda:

– Acho. Vou te dar outro palpite indigesto, meu filho, um palpite que não vais gostar. É o seguinte: não te aproximes muito de tua sogra. Fica de longe. Tua sogra é um perigo, um autêntico abismo!

– O filho esbugalha os olhos:

– Que ideia o senhor faz de mim, papai? O senhor pensa que eu não tenho sentimento de família? De honra? Dignidade?

Seu Daniel interrompe friamente:

O H O M E M F I E L

Nelson Rodrigues, A vida como ela é... O homem fiel e outros contos, Seleção Ruy Castro, 6ª reimpressão, 1995: www.estantevirtual – Gentileza de Lúvia Lacerda Menendez

Até quinto encontro, Simão foi um namorado exemplar. Tratava a pequena como se fora uma rainha e mais: – levava-lhe, todos os dias, um saco de pipocas, ainda quentinho, que comprava num automático da esquina. Encantada, Malvina vivia dizendo para a mãe, as irmãs e as vizinhas: – “É o maior! O maior!”. Mas no sexto encontro fez-lhe uma pergunta:

– Tu acreditas em Deus?

Respondeu:

– Depende.

Admirou-se:

– Como depende?

Simão foi de uma sinceridade brutal:

– Acredito, quando estou com asma.

Malvina recuou, num pânico profundo. No primeiro momento, só conseguiu balbuciar: – “Oh, Simão!”. Mas ele, com a sinceridade desencadeada, continuou:

– Com asma, eu acredito até em Papai Noel!

Então, Malvina, que tinha suas alternativas místicas, rebentou em soluços. Por entre lágrimas, exclamava: – “É pecado! É pecado!”. E gemeu, ainda:

– Deus castiga, Simão, Deus Castiga!

O ASMÁTICO

O pranto da menina não estava nos seus cálculos. Era, no fundo, um sentimental, um derramado, e só faltou ajoelhar-se aos seus pés. Pedia, fora de si: – “Perdoa, meu anjo, perdoa”. A garota apanhou o lençinho na bolsa, assoou-se e teve a acusação inofensiva: – “Você é mau, Simão!”. Apaixonado pela menina, tratou de reconquistá-la: – “Escuta, coração”. E começou a explicar que não perpetrara nenhuma troca cruel e sacrilega. afirmou que todos os seus defeitos e todas as suas qualidades, inclusive a fé, eram de fundo asmático. Exemplificou:

– Quando eu me casar, hei de ser fiel. Mas podes ficar certa: – como tudo o mais, a minha fidelidade há de ser de fundo asmático.

A menina toma um choque. Por um momento, esqueceu a irreverência que, a princípio, lhe parecera diabólica. Já que ele falava em fidelidade, ela dispõe-se a esquecer a duplicidade de ateu intermitente e de crente eventual. Era uma

dessas criaturas para quem tudo se resumia no problema de “ser ou não ser traída”. Agarrou-se a ele:

– Responde: – tu não me trairás nunca?

Bufo:

– Com a minha asma, eu não aguento nem com uma, quanto mais com duas mulheres!

E ela:

Meu filho, quero te dizer uma coisa: – topo fome, pancada, tudo, menos traição. Traição, nunca!

Simão agarrou a pequena. Beijou-a na face, na boca e no pescoço. A mão correu pelas costas, afagou-a nos quadris. Com as nádegas crispadas, Malvina sentia-se agonizar, morrer. Ele disse, já com dispnea:

– O asmático é o único que não trai!

Até o dia em que se fizeram noivos, foi este o único incidente. Daí por diante, não se podia desejar maior concordância de tudo: – de educação, de temperamento, de gosto, de inteligência. Ele se dividia entre as duas: – a garota, que era a sua paixão, e a asma que, de quando em vez, o acometia. Na primeira vez em que o viu com acesso, ela compreendeu subitamente tudo. Na casa dos pais, de braços sobre a mesa, o infeliz pedia:

– Andem sem sapatos, andem de meia!

Até um som parecia agravar as suas tremendas dificuldades respiratórias. E a família andava realmente na ponta dos pés, ou descalça, falando baixo ou não falando. Malvina voltou apavorada. Na sua impressão profunda, disse para a mãe e para as irmãs:

– Agora eu compreendo por que um asmático não pode ter amantes!

Ficaram noivos e marcaram o casamento para daí a seis meses. Malvina adquirira ideias próprias sobre a felicidade matrimonial. Doutrinava as amigas:

– Descobri que o marido doente é uma grande solução. Pelo menos, não anda em farras!

Protestaram: “Nem oito, nem oitenta!”. Então, na sua veemência polemica, ela argumentou com o próprio caso pessoal:

– Por que é que eu briguei com o Quincas? Ele tinha uma saúde formidável e que me

– Eu penso, meu filho, que tu és um homem. E qualquer homem, diante de uma mulher como a tua sogra, pode dar com os burros n’água!

AS CARTAS ANÔNIMAS

Fosse como fosse, as palavras do seu Daniel produziram no filho um sentimento curioso, misto de fascinação e de nojo. Nem dormiu direito: e, pela primeira vez, teve medo de que as sugestões do pai o contaminassem. Procurou evitá-lo, tanto mais que o velho sempre que o via piscava o olho e cutucava: “Como vai a tua sogra?”. Nem respondia, com medo de explodir num desaforo pesado. Fazia, de si para si, uma reflexão que repugnava à sua natureza sentimental: “Acabo odiando o meu pai!”.

Um dia, recebe em casa uma carta anônima, a primeira de sua vida. Lê, relê o papelzinho ignóbil. Lá dizia sumariamente: “Rapaz, desmancha teu noivado e dá em cima da tua sogra. Tua sogra é duzentas vezes melhor do que tua noiva”. O tom ordinário, a sordidez infinita, tudo na carta o alucinava. Interessante é que, desde o primeiro momento, teve a certeza inapalável, definitiva, da identidade do remetente. Voou para o Tesouro, fora de si.

Com um ar de louco, exhibe a carta infame. Pergunta, com a voz estrangulada: “Foi o senhor que escreveu isso? Responda, meu pai! Foi o senhor?”. Falava surdamente para que as outras pessoas não ouvissem. Seu Daniel, pálido, não respondeu. Ele insiste: “Seja homem, meu pai! Foi o senhor?”. Seu Daniel responde, afinal: “Fui”. O filho arqueja: “Por quê?”. O velho apanha um cigarro:

adiantou? Me traía com todo mundo e não respeitava nem minhas irmãs!

Era verdade. O antecessor de Simão era um rapaz atlético, de impressionante perfil, moreno como um havaiano de Hollywood. Mas Malvina, que o amava com loucura e, além disso, tinha vaidade do seu físico, rompera por causa de suas infidelidades constantes e deslavadas.

AS BODAS

Graças a Deus, não teve, jamais, com o Simão o problema da fidelidade. Até com a noiva ele era moderadíssimo. E se a menina, na sua patética vitalidade, expandia-se demais, o rapaz atalhava: “Não exageremos, meu anjo”. Ela, que se gabava de ter controle, obedecia, imediatamente. Até que chegou a véspera do casamento. Na altura das duas da noite, Simão despediu-se. Malvina, amorosíssima, veio levá-lo até o portão. Suspirava: – “Falta pouco, não é, meu filho?”. E quando o noivo já partia Malvina o retém, com o pedido: – “Dá um beijo, mas daqueles!”. – E já entreabria, já oferecia a boca, num anseio de todo o ser. Ele, porém, recua: – “Não, meu bem, não!”. Pergunta sem entender: – Por quê?–, E ele:

– Bem. É o seguinte: fui, hoje, a um novo médico e ele disse que eu não devia me emocionar.

– Ué!

O noivo insistiu:

– Pois é. Pede que eu tivesse cuidado com a lua de mel, porque esse negócio de amor mexe muito com a gente e pode provocar uma crise.

Atônita, Malvina não teve o que dizer. Contentou-se com o beijo que Simão lhe deu na face e voltou. Houve o casamento: – no civil, às duas e meia, e o religioso, às cinco. Como ameaçasse chuva, Simão voltou da igreja atribuladíssimo. No automóvel, veio dizendo, já ofegando:

– Imagina tu a calamidade em vinte e oito atos: – estou sentindo uns troços meio esquisitos! Malvina, muito doce e muito linda no vestido de noiva, balbucia:

– Isola!

PRIMEIRA NOITE

– Fiz isso em teu benefício. É a minha opinião, ouviste? Tua sogra só oferece vantagens. Tua noiva, não. Tua noiva pode ser a tua morte. E das duas uma: ou ela vai te trair ou já está traido.

Edgar ergueu-se, quase chorando:

– Meu pai, guarde bem a palavra que eu vou lhe dizer: o senhor é um canalha, meu pai!

FINAL

Como consequência do incidente, saiu de casa, passou a viver num hotel. Não fez nenhum segredo do rompimento. Avisou à noiva, à sogra, ao sogro, a todo mundo: “Pra mim, meu pai está morto, enterrado! E nem admito que ele assista ao meu casamento!”.

Pois bem. Uma tarde, está no emprego, quando o chamam no telefone. Era a sogra, espavorida: “Venha, já, já, aconteceu uma desgraça!”. Dez minutos depois, ele chegava. Assim que o viu, a sogra, aos soluços, deu-lhe a notícia:

– A Eduardina fugiu! E com o teu pai! Fugiu com o teu pai!

Estava presente toda a família da garota. A primeira reação de Edgar foi uma espécie de vertigem. Suas pernas dobraram, sua vista ficou turva. Súbito, ele se recuperou. Experimenta uma feroz e obtusa necessidade de vingança, de compensação. Arremessa-se como um tigre, um abutim, um javali, sobre a sogra. Agarra-a. Quer beijá-la na boca.

O sogro teve que lhe dar uma bengalada.

Viver... morrer... Por que havemos sempre mais de ambicionar, se da terra em que vivemos só terra vamos levar?

Um homem – simples mortal – nem sempre é forte, porém, tem fibra se fogue ao mal, quando é o mal que lhe faz bem...

Não se esqueça quem na vida é intrigante e lesa o alheio: a maldade, na inverteda, volta para de onde veio!

Sê superior e perdoa... Evita qualquer revide... É pobre quem nos mágoa, infeliz quem nos agride!

A escola é continuação do que aprendemos no lar; porém a maior lição só o mundo nos pode dar.

Esta vida é água de rio, pois jamais volta à nascente. Cada hora é um desafio, que adentra o valor da gente!